



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

De objeto a sujeito de pesquisa: o confinamento racial da antropologia brasileira, ações afirmativas e a reação da branquitude

Autoria: Tiago Heliodoro Nascimento (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Em artigo publicado no início de 2006, José Jorge de Carvalho apostava que a implementação de políticas de ações afirmativas nas universidades públicas brasileiras promoveria uma ?revisão epistemológica radical? no ambiente dessas instituições (p.89). Para ele, diante de um histórico ?regime completo de apartheid? (p.91), as cotas significavam um rompimento radical com ?a lógica de funcionamento do mundo acadêmico brasileiro?, configurando um ?reposicionamento concreto das relações raciais no nosso meio acadêmico? (CARVALHO, 2006, p.88). Em outras palavras, a política de reserva de vagas para pessoas negras e indígenas nas universidades colocava no lugar de produtores de conhecimento aqueles que sempre foram objeto de conhecimento do mundo acadêmico brasileiro. Neste work, a partir das minhas experiências enquanto estudante de graduação, mestrado e doutorado no curso de Antropologia e Arqueologia da UFMG, meu



objetivo é refletir sobre as resistências a esse reposicionamento das relações raciais no meio acadêmico. Pretendo responder por que esse reposicionamento, longe de ser tranquilo e natural, tem se configurado num processo conflituoso e traumático, mesmo em disciplinas e pesquisadores teoricamente mais próximos desse tipo de reflexão. Tendo em vista a minha condição de estudante negro, cotista de graduação e de pós-graduação, destacarei desse percurso as experiências que considero mais relevantes para o estudo do processo de construção da política de ações afirmativas do programa de pós-graduação ligado àquele departamento, movimento iniciado em 2015, e do qual participei ativamente. Inspirado por Carvalho (2006), argumento que, a despeito de abrigar um sofisticado debate sobre o papel dos "outros" no desenvolvimento de novas epistemologias, o efetivo deslocamento do lugar de "outro" para o lugar de "sujeito" na Antropologia encontra barreiras na própria configuração racial do "topo" da carreira. Argumento também que, mais que a branquitude, há muito comentada e admitida, um dos obstáculos ao surgimento de novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira decorre de um certo compromisso com a branquitude (MAIA, 2017) ? percepção desracializada da desigualdade brasileira, apego à meritocracia, resistência a nomear a raça e o racismo, indisposição para revisões de métodos, práticas e avaliações. CARVALHO, Jose Jorge. Confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 88-103, dezembro/fevereiro 2005-2006. MAIA, Suzana. A branquitude das classes médias: discurso moral e segregação social. In: MULLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). Branquitude: estudos sobre identidade branca no Brasil. Curitiba, Appris, 2017. p.107-123.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: